

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
DIVISÃO DE PESQUISA-DPQ

Educação ambiental sob a perspectiva do acesso ao conhecimento e aos recursos naturais: relações entre meio ambiente e saúde

Grande Área de Conhecimento (de acordo com o CNPq): Educação

Campus ou Instituto: *Campus* Capitão Poço

Coordenador do Projeto: Fernanda Carneiro Romagnoli

Instituições participantes: UFRA-Capitão Poço, Secretaria Municipal de Educação de Capitão Poço

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DA AMAZÔNIA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DIVISÃO DE PESQUISA

1. RESUMO

As dificuldades de acesso ao conhecimento e aos recursos naturais têm implicações importantes na relação que as pessoas estabelecem com a natureza. O maior acesso e contato com os recursos, bem como ao conhecimento associado a ele, tende a sensibilizar as pessoas e fortalecer as relações homem-natureza, favorecendo a conservação ambiental e melhoria de condições gerais de saúde. Este projeto tem como objetivo compreender diversas situações de relação homem-natureza e suas implicações para a conservação ambiental e a saúde pública. Também pretende propor e testar metodologias que favoreçam o acesso ao conhecimento sobre estes temas.

2. PALAVRAS-CHAVE

Mudança de paradigma- acesso ao conhecimento- ambiente

3. INTRODUÇÃO

As dificuldades de acesso ao conhecimento e aos recursos naturais têm implicações importantes na relação que as pessoas estabelecem com a natureza. A simplificação histórica do ambiente enquanto espaço que habitamos, trouxe consequências para o afastamento homem-natureza. Essa problemática surgiu com a Modernidade, período no qual a “razão” foi considerada superior a qualquer outra faculdade humana, como o “sentir” e o “intuir” (LEFF, 2001). A ciência passou a ser marcada pelo reducionismo positivista e pelo racionalismo, desagregando a realidade em componentes para reordená-los posteriormente como generalizações ou leis e desconsiderando formas não eurocêntricas de conhecimento (PIMBERT; PRETTY, 1995). Neste período, esta racionalidade foi importante para o desenvolvimento científico e a compreensão básica de elementos da natureza (como as Leis da Física). A fragmentação do ambiente em disciplinas que poderiam desvendá-lo facilitou o entendimento destes itens. Dentro desta visão, no século XX, com o desenvolvimento de estudos sobre as relações entre os seres vivos, o ambiente passou a ser reconhecido como um quase sinônimo de Ecologia (LEFF, 2001), ficando contido no contexto do reducionismo metodológico (DIEGUES, 2000).

Contudo, com o agravamento dos problemas ambientais e de saúde pública, ficou claro que a racionalidade cartesiana, fragmentista, que passou a dividir o mundo em disciplinas, dificultou a visão da complexidade, da totalidade (LEFF, 2001). Assim, o ambiente não pode ser reduzido à Ecologia, mas deve ser caracterizado pela complexidade do mundo e da natureza, através das relações de poder inscritas nas formas dominantes de conhecimento. Portanto, a crise que vivemos não se trata apenas de uma crise ambiental, mas de uma crise do próprio conhecimento (LEFF, 2001). Para ultrapassá-la é necessária uma reorientação do pensamento científico, de modo a entender todos os campos do conhecimento como

totalidades complexas (BERTALANFFY, 2015). O entendimento do mundo como complexo significa compreender como as diferentes esferas estão conectadas e interferem umas nas outras (MORIN, 2015). É preciso, ainda, admitir a existência de outros tipos de conhecimento e inclui-los na racionalidade ambiental (MENDONÇA; NEIMAN, 2003).

A Educação Ambiental tem papel fundamental para a mudança. Quando este termo surgiu, os profissionais envolvidos chegaram ao consenso de que seu principal objetivo era a conscientização, ou seja, um processo permanente de ampliação, percepção e compreensão do mundo. Para entender o mundo, é preciso incluir diferentes formas de pensar, diferentes compreensões da realidade, para reconhecermos que estas formas de pensar modelam nossas ações sobre o mundo. Assim, se algo está errado na forma como utilizamos nossas florestas, por exemplo, significa que nosso modo de pensar e ver a natureza está errado. Compreender a nossa subjetividade é condição essencial para um melhor relacionamento com a natureza e isso passa pelos sentimentos, pela afetividade, enfim, pelos valores das pessoas (MENDONÇA; NEIMAN, 2003). A Educação Ambiental deve transcorrer ao longo de toda a vivência humana. Porém, o ambiente escolar é fundamental para este processo. Portanto, a Educação Ambiental não se resume a uma sensibilização, mas a mudanças sociais que perpassam pela forma como entendemos e estruturamos o mundo (PHILIPPI JR; PELICIONI, 2013).

4. JUSTIFICATIVA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais determinam que a Educação Ambiental deve ser um tema transversal no ambiente escolar. Sua importância para possíveis mudanças na relação homem-natureza é tamanha que tal assunto não deve ser isolado em algumas disciplinas, mas deve perpassar todos os conteúdos e vivências neste ambiente.

Contudo, diferentes temas, idades e situações socioeconômicas demandam uma diversidade de metodologias para ensino e vivência dos conceitos. Assim, propor, testar, melhorar e adaptar métodos para ensino de assuntos ligados à Educação Ambiental de acordo com recursos e tempo disponíveis e público-alvo é fundamental para uma efetividade das ações.

5. OBJETIVOS

Geral

Verificar formas de relação homem-natureza e suas implicações para a conservação ambiental e a saúde pública a partir do ambiente escolar, além de testar metodologias que favoreçam o acesso ao conhecimento sobre estes temas.

Específicos

- Analisar a percepção de grupos humanos a respeito da relação homem-ambiente.
- Propor e testar metodologias de ensino e disseminação de informação que visem uma relação responsável com o meio ambiente.

6. METODOLOGIA

O projeto será realizado em escolas municipais e estaduais localizadas nas áreas urbana e rural de Capitão Poço. O projeto será executado segundo um perfil intercientífico, que propõe um diálogo entre pesquisadores e comunidade. As coletas de dados serão feitas de forma participante, em que o pesquisador compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados, registrando descritivamente todos os elementos observados (BRANDÃO, 2006; SEVERINO, 2007).

A aproximação às escolas será feita via Secretaria de Educação ou por meio de funcionários das mesmas. Quatro temas chave serão usados para se trabalhar a Educação Ambiental: resíduos sólidos, resíduos eletrônicos, resíduos orgânicos contaminantes e hortas.

De acordo com o tema chave, será determinada uma faixa etária específica de alunos participantes, de acordo com a Tabela 1.

Tema chave	Faixa etária aproximada	Ano (s) escolar(es)
Resíduos eletrônicos	15 a 18 anos	Ensino Médio
Resíduos orgânicos contaminantes	10 a 15 anos	Ensino Fundamental
Resíduos sólidos	3 a 10 anos	Educação Infantil e Ensino Fundamental
Hortas	3 a 10 anos	Educação Infantil e Ensino Fundamental

Além dos estudantes, os demais membros da comunidade escolar participarão do projeto, como funcionários das escolas, pais e professores.

A primeira fase será diagnóstica, de modo a verificar a compreensão do público-alvo sobre o tema chave. Neste momento, serão feitas entrevistas semiestruturadas por meio de formulários que poderão ser autoaplicáveis. Serão feitas perguntas sobre o que caracteriza determinado resíduo, sua forma correta de descarte, os prejuízos que o resíduo pode causar à saúde e ao meio ambiente, entre outras. Para professores, será questionada a dificuldade em abordar estes temas.

Após a fase diagnóstica, serão elaborados diversos métodos adaptados às diferentes faixas etárias e temas. Os métodos incluirão jogos didáticos, produção de vídeos, elaboração de cartilhas, produção de maquetes, dinâmicas em grupo, entre outras (KRASILCHIK, 2004). As técnicas serão testadas e avaliadas quanto à sua eficiência para tratar os assuntos abordados. Após a aplicação de cada método, serão aplicadas formas de avaliação por meio de novos questionários, rodas de conversa, produção de mural, entre outros para verificar a efetividade dos métodos. Os métodos que não atingirem seus objetivos serão adaptados e aplicados novamente.

7. METAS

Meta	Descrição
1	Estabelecimento do projeto em parceria com as escolas
2	Preparação de conteúdo e elaboração de material didático para os diferentes temas-chave
3	Aplicação dos métodos nas escolas
4	Avaliação dos métodos
5	Reelaboração dos métodos e reaplicação
6	Avaliação final do projeto
7	Produção de dois trabalhos de conclusão de curso (TCCs)
8	Apresentação dos resultados dos projetos em eventos acadêmicos
9	Elaboração de quatro artigos científicos, correspondentes aos quatro temas-chave



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DIVISÃO DE PESQUISA

8. EQUIPE DO PROJETO

Nome completo	Titulação máxima	Unidade	Função no projeto ¹	Carga horária no projeto (semanal)
Mayala Aguiar de Moura	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Samile Cristiele Coutinho Araújo	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Ana Claudia Pereira de Lima	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Érica Joziélen Cunha da Silva	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Francisco Rodrigo Rego da Cunha	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Joyce Torres de Souza	Graduando	UFRA- Campus Capitão Poço	PDG	8
Maria Josiérika Cunha da Silva	Graduando	UFPA- Campus Belém	PDG	8
Fernanda Carneiro Romagnoli	Doutora	UFRA- Campus Capitão Poço	CD	10

Tipos de função

CD: Coordenador

PD: Pesquisador Docente

PTA: Pesquisador Técnico

Administrativo

PBP: Pesquisador Bolsista Produtividade

PDG: Pesquisador Discente Graduação

PDM: Pesquisador Discente Mestrado

PDD: Pesquisador Discente Doutorado



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DIVISÃO DE PESQUISA

10. BIBLIOGRAFIA

BERTALANFFY, L.V. **Teoria Geral dos Sistemas. Fundamentos, desenvolvimento e aplicações.** Editora Vozes. Petrópolis. 8ª Edição. 2015. 360p.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Hucitec, 2000.p. 01-46.

BRANDÃO, C.R. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In: BRANDÃO, C.R.; STRECK, D.R. **Pesquisa participante- O saber da partilha.** Aparecida: Ed. Idéias e letras, 2006. p.21-54.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** (3ª Ed). Editora Harbra, São Paulo, 2004.

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder.** 3ª Ed., Editora VOZES, Rio de Janeiro, 2001.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **À sombra das árvores. Transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse.** Ed. Chronos. São Paulo, 2003. 127p.

PIMBERT, M.; PRETTY, J. Parks, people and professionals: putting participation in protected area management. **UNRISD, International Institute for Environment and Development, World Wide Fund for nature.** Discussion paper. Geneva, 57p., 1995

PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. **Educação Ambiental e Sustentabilidade.** 2ª ed. Manole, 2013. 1004p.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Editora Sulina. Porto Alegre. 5ª Edição. 120p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007, 304p